

**Percursos intelectuais latino-americanos: “Nuestra América” de José Martí, e “Ariel” de José Enrique Rodó – as condições de produção e o processo de repercussão do pensamento identitário.**

Claudia Wasserman

A questão nacional na América Latina e os problemas de identidade nacional, das origens da nação e da nacionalidade são temas há muito consagrados pelo pensamento intelectual latino-americano e pelos historiadores. A busca do caráter nacional e sobre as origens da nação estão muito relacionados às dificuldades de construção de ordenamentos políticos estáveis. A isso, somou-se o fato de constituir-se um contingente populacional “transplantado”, com origens variadas, conforme o país. Também, por muito tempo, as elites latino-americanas consideraram uma “fatalidade” o nascimento extra-europeu e desprezavam as características particulares dos países latino-americanos.

As primeiras discussões a respeito da identidade nacional, do surgimento das nações e dos obstáculos para a sua constituição plena surgiram a partir das independências, pautadas por uma preocupação política por parte dos protagonistas do processo. Depois das independências os países da América Latina foram palco dos debates sobre a questão constitucional, o povoamento e sobre as medidas necessárias para implantação dos ordenamentos político-administrativos. Essas discussões também foram realizadas por políticos e intelectuais que se propunham a fazer parte das administrações. Somente mais tarde, na segunda metade do século XIX, apareceram os primeiros “historiadores”, intelectuais ligados a academias de história ou centros e institutos sem caráter oficial, mas cujos membros tiveram uma preocupação destacada com a investigação histórica e suas obras transformaram-se num legado de valor documental e analítico para futuros historiadores.

Em cada um desses períodos, formaram-se “*redes intelectuais*”, cujos sujeitos receberam as mesmas influências, leram os mesmos livros (publicados em espanhol e português), freqüentaram faculdades com as mesmas proposições filosóficas e, muitas

vezes, alguns desses intelectuais se encontraram e trocaram informações sobre seus países, seus estudos e suas reflexões. Neste sentido, faz parte desse estudo encontrar um vínculo intelectual entre os países latino-americanos, especialmente no que diz respeito aos seus problemas de identidade nacional. A pesquisa se propõe a traçar o perfil do percurso intelectual e historiográfico da questão nacional e identitária na América Latina, suas condições de produção, a narrativa histórica dos atores, seus “*espaços de experiência*”, “*horizontes de expectativas*” e o processo de repercussão daquele conhecimento que, “*monumentalizado*”, transformou-se na própria História. Proponho-me a analisar os usos e abusos dessa produção ao longo do tempo, inclusive no que se refere aos efeitos que essas reflexões possam ter exercido no discurso e na prática política.

Nesse tópico do trabalho, pretendo discutir dois autores que entre o final do século XIX e início do século XX tiveram grande repercussão em toda a América Latina e Caribe, influenciando para a construção de uma reflexão original, antiimperialista, antiutilitarista e genuinamente latino-americana. Foram eles o cubano José Martí e o uruguaio José Enrique Rodó. Dentre a vasta produção da obra martiniana, optei por tratar da crônica “*Nuestra América*”, escrita em 1891, cuja redação sintetiza o pensamento de José Martí acerca dos problemas identitários da América Latina. Em José Enrique Rodó, a opção recaiu sobre o clássico “*Ariel*”, ensaio publicado em 1900 e cuja repercussão gerou uma escola de pensamento na qual os seguidores foram chamados “*arielistas*”.

Esses autores constituíram-se como a primeira e mais contundente dissensão do pensamento positivista corrente e hegemônico na América Latina. O ambiente histórico onde emergiu essa atividade intelectual e a exegese da produção dos dois autores, a tentativa de discernir o uso dos conceitos entre a época de sua enunciação e os seus significados atuais, bem como as transformações sofridas pelos mesmos ao longo do tempo e os processos de repercussão, os usos e abusos dessas idéias, serão os temas abordados nesse artigo.

José Martí (1853 – 1895) e José Enrique Rodó (1871 – 1917) tinham 18 anos de diferença de idade. Ambos nasceram em meados do século XIX, época de consolidação das economias primário-exportadoras em grande parte da América Latina, de lutas caudilhescas e do estabelecimento de aparatos políticos-jurídicos próprios nos países latino-americanos

que recém haviam conquistado a independência. No entanto, nem todos os países da América Latina puderam constituir economias primário-exportadoras destinadas a atender a demanda internacional, do ponto de vista econômico, ou tiveram as mesmas características políticas. Enquanto o Uruguai de Rodó atingia o apogeu da estruturação de um Estado oligárquico, controlado nacionalmente pelas elites rurais, Cuba de Martí permanecia sob a égide da Espanha. Era o último baluarte do colonialismo espanhol em terras americanas.

Nesse sentido, as lutas políticas empreendidas pela intelectualidade nos dois países seriam diferentes. Isso não impediu, no entanto, que se constituísse um pensamento semelhante acerca dos problemas identitários nas duas regiões. E, inclusive, essas diferenças não impediram que ambos os autores se constituíssem como a dissensão do pensamento positivista hegemônico na América Latina daquela época. A crítica ao pensamento hegemônico não se restringia aos problemas políticos; as questões social e racial estavam presentes no conteúdo narrativo dos dois autores.

Os alvos da crítica eram pensadores argentinos da primeira metade do século XIX, cujas idéias da necessidade de “*branqueamento das raças*” através do povoamento com elementos europeus tiveram repercussão em todo o subcontinente, sendo em geral aprovadas pelos governos e pelos demais intelectuais da região.

Martí atacara Sarmiento ao propor que “*Não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza*” (MARTÍ, p. 196). Rodó criticava as premissas civilizatórias de Alberdi: “*Já faz tempo que a suprema necessidade de preencher o vazio moral do deserto levou um publicista ilustre a dizer que, na América, ‘governar é povoar’. Mas essa fórmula famosa encerra uma verdade que devemos cuidar para não interpretar de maneira estreita, pois levaria a atribuir uma incondicional eficácia civilizatória ao valor quantitativo da multidão*” (RODÓ, p. 54).

Diferentemente dos autores deterministas, para os quais o clima, a geografia e as raças constituíam-se como os males latino-americanos, Martí e Rodó adulavam a índole natural do indivíduo, seu temperamento, caráter obtido anteriormente ao processo civilizatório. Deixavam transparecer em sua narrativa que entre a civilização e a barbárie escolheriam essa última, por constituir-se de modo espontâneo.

Isso se manifestava em Martí: *“É por isso que o livro importado foi vencido, na América, pelo homem natural. Os homens naturais venceram os letrados artificiais. O mestiço autóctone venceu o criollo exótico”* (MARTÍ, p. 196). E também em Rodó: *“não vejo glória no propósito de desnaturalizar o caráter dos povos – seu gênio pessoal – para lhes impor a identificação com um modelo estranho a que sacrifiquem a insubstituível originalidade de seu espírito, nem na crença ingênua de que se possa alguma vez obtê-lo com procedimentos artificiais e improvisados de imitação”* (RODÓ, p. 71).

A exaltação da *“natureza”* em Martí e Rodó constituía-se numa crítica a tudo o que os pensadores positivistas exaltavam como benefícios oriundos do exterior, tais como progresso material, imigração regeneradora, ordem político-social, superioridade intelectual, leis herdadas de quatro séculos, etc.

Algumas das mudanças no campo intelectual, como a valorização do autóctone e a suspeição que passou a recair sobre as intenções norte-americanas eram reflexos de transformações econômicas tais como uma intensificação da Divisão Internacional do Trabalho e uma maior integração dos países da América Latina com o sistema econômico mundial. A transição da hegemonia inglesa no comércio e no montante de investimentos com os países latino-americanos para o domínio norte-americano foram recebidos com desconfiança por uma parte da intelectualidade que temia uma invasão cultural mais bem orquestrada.

Em *Ariel*, Rodó alertava para uma *“nortemania”*: *“Imita-se aquele em cuja superioridade ou prestígio se acredita. É assim que a visão de uma América deslatinizada por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo regenerada à imagem e semelhança do arquétipo do Norte, paira sobre os sonhos de muitos sinceros interessados em nosso porvir... temos nossa nortemania. É preciso opor-lhe os limites assinalados, de comum acordo, pela razão e pelo sentimento”*. (RODÓ, p. 70).

Para José Martí, o problema tinha origem na educação recebida pelos jovens da elite que viam o mundo *“com óculos ianques ou franceses e pretendem dirigir um povo que não conhecem”*. Propunha como solução o conhecimento da realidade: *“A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos*

*arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária”* (MARTÍ, p. 196. 197).

Isso não significa que eles depreciassem completamente a cultura estrangeira – *“Compreendo muito bem que o exemplo dos fortes fornece inspirações, luzes, ensinamentos e não ignoro que uma atenção inteligente voltada para o exterior, a fim de recolher todas as partes a imagem do útil e do benéfico é singularmente fecunda quando se trata de povos que ainda estão se formando e modelando sua individualidade nacional”* (RODÓ, p. 70) e *“Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas”* (MARTÍ, p. 197). Eles eram, no entanto, favoráveis ao estabelecimento de limites entre a admiração e a subserviência.

Essa relação pendular entre a admiração e a subserviência se confunde com o vislumbamento das possibilidades de autonomia econômica, política e social. Enquanto os autores do século XIX absolutizaram a idéia de imitar os países desenvolvidos, as obras de Martí e Rodó apresentam as características que vão marcar o pensamento latino-americano desde o final do XIX até os dias de hoje. Segundo Devés Valdés *“modernização e identidade são os dois grandes conceitos ou problemas que marcam (demarcam, estruturam, ordenam) o pensamento latino-americano do século XX”* (DEVES VALDÉS, 2000, p. 13).

A obra de José Enrique Rodó foi muito mais marcada pelas possibilidades de modernização do que a obra de José Martí. No Uruguai, o desenvolvimento econômico baseado no setor primário-exportador – carnes, lãs e cereais –, o início de um processo de industrialização, a urbanização e a presença de um governo com projeto de modernização, representado por José Batlle y Ordoñez, pareciam fornecer aos intelectuais argumentos suficientes para acreditar nas possibilidades do progresso capitalista, inclusive numa provável emancipação econômica.

José Martí também acumulara uma experiência no campo do progresso econômico, científico e cultural; viveu nos Estados Unidos, em Nova York, mais de dez anos, desde 1881; experimentou os encantos do desenvolvimento norte-americano e reconhecia os aspectos positivos do povo que havia erguido a república mais rica que o mundo conheceria até então e a excelência de alguns de seus homens (FERNANDEZ RETAMAR, 1991, p.

42). Martí era profundo admirador do escritor Marc Twain, do poeta Walt Whitman e do abolicionista norte-americano Wendell Philips e divulgou, entre os leitores de língua espanhola, a ciência, a técnica e os saberes daqueles povos, mas desconfiava dos intuitos do governo dos Estados Unidos na defesa dos interesses “*americanos*”. Mais do que isso ressaltava a mesquinhez de uma nação tão rica diante dos males sociais: “*Esta república, através do culto desmedido da riqueza, caiu, sem nenhum dos obstáculos da tradição, na desigualdade, na injustiça e na violência dos países monárquicos*” (MARTÍ, 1888, p. 117).

Essa atribuição de culpabilidade ao “*culto à riqueza*”, assemelhava-se às premissas de Rodó contra o “*utilitarismo*” presente na sociedade norte-americana: “*os Estados Unidos podem ser considerados a encarnação do verbo utilitário. E o Evangelho desse verbo se difunde por todas as partes em prol dos milagres materiais do triunfo*”. E ainda, “*Obra titânica, pela enorme tensão da vontade que representa e por seus triunfos inauditos em todas as esferas do engrandecimento material, é inegável que tal civilização (norte-americana) cria, em seu conjunto, uma singular impressão de insuficiência e vazio*”. (RODÓ, 1900, p. 69 e 80).

Como explicar que as idéias de Rodó, vivendo numa sociedade com possibilidades de triunfo do ponto de vista do progresso capitalista, fossem coincidentes às prédicas de Martí, cuja pátria encontrava-se sob a égide colonial da Espanha e que sofria as interferências político-militares decorrentes da ascensão norte-americana?

Primeiramente deve-se atentar para o cenário latino-americano onde se desenvolvem essas idéias e os processos de repercussão da obra martiniana. Desde 1881, Martí colaborava em jornais de língua espanhola e seus textos eram conhecidos em toda a América Latina. Colaborou, mais especificamente, com os jornais platinos *La Nación*, de Buenos Aires, e *La Opinión Pública*, de Montevideú.

Em 1887, Martí, conhecido em todo o continente por seus textos de conteúdo político, literário e de advertências, tornou-se cônsul do Uruguai em Nova York e, mais tarde, também assumiu a representação da Argentina e do Paraguai, além de representar o Uruguai na Conferência Monetária Internacional Americana, realizada em Washington entre 07 de janeiro e 08 de abril de 1891.

Rodó já tinha vinte anos quando Martí empenhava-se por representar a posição uruguaia de prevenção em relação às pretensões norte-americanas de substituir a hegemonia britânica no sul do continente americano, sobretudo na Argentina e no Uruguai. Rodó refletia em sua obra essa preferência pelos ingleses, também dotados de um espírito utilitarista, mas que guardavam “*uma virtualidade poética seleta e um profundo manancial de sensibilidade... o espírito americano não recebeu a herança desse instinto poético ancestral...*”. (RODÓ, p. 82).

Logo após a Conferência, em 1891, Martí renunciou aos encargos consulares em Nova York para se dedicar integralmente à preparação da guerra de independência de Cuba contra a Espanha, através da organização dos emigrados cubanos, dos contatos com os generais Maximo Gómez e Antonio Maceo e da fundação do Partido Revolucionário Cubano em 1892. A guerra contra a Espanha iniciou em fevereiro de 1895, Martí chegou ao país em abril e se juntou aos revolucionários, participando tenazmente das batalhas; morreu em combate, dia 19 de maio, numa emboscada espanhola.

A repercussão desses feitos martinianos nesse primeiro livro de Rodó, *Ariel*, pareceu evidente para Octávio Ianni, prefaciador brasileiro da obra, “*Cabe observar ainda que Rodó escreveu Ariel na época em que a guerra hispano-americana de 1898 surpreendeu muitos latino-americanos. Em lugar da independência que almejavam, Porto Rico e Cuba foram submetidos pelo governo dos Estados Unidos. Neste momento, uma parte do pensamento latino-americano colocou-se não só contra o intervencionismo dos Estados Unidos, mas contra o modelo norte-americano de modernização*” (IANNI In RODÓ, p. 10).

Charles Hale vai mais longe nessa possível influência: “*Aunque no se refirió específicamente a la guerra entre Estados Unidos y España, está claro que el ensayo de Rodó fue una respuesta a la conmoción que le produjo la derrota desastrosa que España sufrió en 1898*” (HALE, 1991, p. 41). Além disso, é possível inferir que *Ariel* seja na obra de Rodó, a própria encarnação de José Martí. Personagem de “*A Tempestade*”, de Shakespeare, *Ariel* representa em Rodó, o “*jovem, idealista, inteligente, europeizante*”. (IANNI, idem).

Neste sentido, José Martí foi para José Enrique Rodó apenas inspiração. Suas preocupações eram distintas, na medida em que ao primeiro perturbava o domínio colonial da Espanha sobre Cuba e as pretensões dos Estados Unidos em substituir esse domínio, convertendo-o numa submissão neocolonial. Rodó estava preocupado com o progresso econômico do Uruguai e sua autonomia em relação aos Estados Unidos e também à Europa. A possibilidade de uma modernização capitalista autônoma estava no *horizonte de expectativas* dos intelectuais uruguaios, assim como a independência política fazia parte das *perspectivas de futuro* dos pensadores caribenhos, sobretudo os cubanos e porto-riquenhos.

As críticas de ambos, dirigidas aos Estados Unidos, se transformaram em prédicas de identidade e foram simultâneas aos discursos de valorização daquilo que era original e próprio dos povos uruguaio e cubano. Martí insistia que “*A incapacidade não está no país nascente, que pede formas adequadas e grandeza útil, e sim naqueles que querem reger povos originais, de composição singular e violenta, com leis herdadas de quatro séculos de prática livre nos Estados Unidos e de dezenove séculos de monarquia na França*”. (MARTÍ, p. 195).

Martí advertia contra os Estados Unidos “*O desprezo do formidável vizinho, que nos desconhece, é o maior perigo de nossa América*” e aconselhava o futuro “*Os povos devem viver criticando-se, porque a crítica é saúde; mas com um só peito e uma só mente. Descer até os infelizes e levantá-los nos braços! Com o fogo do coração, degelar a América coagulada! Verter, fervendo e latejando nas veias o sangue nativo do país! De pé, com o olhar alegre dos trabalhadores, saúdam-se, de um povo a outro, os novos homens americanos*” (MARTÍ, p. 200/199). Seu discurso estava impregnado de orgulho, recomendações de união dos povos americanos e tinha um conteúdo social bastante explícito para a época, considerando a persistência das relações escravistas na ilha de Cuba.

Em José Enrique Rodó, os argumentos de originalidade eram menos contundentes. Rodó também não falava nos trabalhadores, nos índios ou mestiços. Suas idéias diziam respeito ao processo de desenvolvimento original da América Latina e os possíveis obstáculos ao progresso: “*Já existem em nossa América Latina cidades cuja grandeza material e soma de civilização aparente levam-nas a se aproximar aceleradamente de uma participação entre as primeiras do mundo... Necessário é temer, por exemplo, que cidades*

*cujos nomes foram gloriosos símbolos na América, que tiveram Moreno, Rivadávia, Sarmiento, que empreenderam a iniciativa de uma imortal Revolução, cidades que difundiram por toda a extensão de um continente... a glória de seus heróis e a palavra de seus tribunos, possam terminar como Sídon, Tiro ou Cartago”* (RODO, p. 99, 100).

Observa-se em Rodó uma prédica identitária socialmente mais elitista. Ele era leitor de Ernest Renan, o escritor francês cuja idéia sobre nação se tornou clássica, enquanto José Martí abastecia-se com Marx, conforme carta do escritor cubano, publicada no jornal portenho “*La Nación*”, em 1883, intitulada “*Karl Marx Morreu*”.

Em relação à formação racial dos povos latino-americanos, os autores se dividiam, apesar da semelhante valorização do que era original e próprio dessas sociedades. Rodó afirmava em *Ariel* que “*temos – nós, latino-americanos – uma herança de raça, uma grande tradição étnica a manter, um vínculo sagrado que nos une a páginas imortais da História, confiando à nossa honra sua continuidade no futuro. O cosmopolitismo... não exclui esse sentimento de fidelidade ao passado, nem a força diretriz e modeladora com que o gênio da raça deve se impor na refundição dos elementos que constituirão o definitivo americano do futuro*” (RODÓ, p. 72,73). Rodó afastava-se do racismo antropológico e científico para reavivar em seu lugar o conceito histórico da raça.

Martí, por sua parte, consagrou, a partir do artigo-objeto dessa discussão, a fórmula “*Nuestra América Mestiça*” que encerra um significado simbólico veemente, segundo o qual propugna pela existência de uma outra América que não é a nossa e não é mestiça. Em outro ponto, Martí simplesmente renegava o conceito de raça propriamente dito, como forma de moderar a força do pensamento determinista que era dominante no século XIX: “*Não existe ódio de raças, porque não existem raças. Os pensadores raquíticos, os pensadores de lampiões, tecem e requeimam as raças de livraria, que o viajante justo e o observador cordial procuram em vão na justiça da Natureza, onde se destaca no amor vitorioso e no apetite turbulento, a identidade universal do homem*” (MARTÍ, p. 200).

Ou seja, para o escritor cubano as diferenças mesquinhas entre os homens não suprimiam a existência de uma fundamental “*identidade universal*”. Além do mais, ressaltava a utilidade dos conceitos deterministas para as finalidades de poder, admitindo a existência de diferenças entre os povos advindos da “*mistura dos povos*”: “*Peca contra a*

*Humanidade quem fomenta e propaga a oposição e o ódio das raças. Mas na mistura dos povos, na aproximação com outros povos diversos, se condensam características peculiares e ativas de idéias e de hábitos, de abertura e de aquisição, de vaidade e de avareza, que um estado latente de preocupações nacionais poderia, num período de desordem interna ou de precipitação do caráter acumulado do país transformar-se numa grave ameaça para as terras vizinhas, isoladas e fracas, que o país forte declara destrutíveis e inferiores” (MARTÍ, p. 200, 201).*

Além do problema racial, Martí contrapunha-se à obra dos autores de seu tempo, positivistas e deterministas, ao referir-se aos *males de origem* dos países latino-americanos. Considerava os problemas do presente como heranças do passado colonial, do modo como ocorrera a independência e das formas de governo constituídas depois dos processos de independência: “*A colônia continuou vivendo na República*”; “*a constituição hierárquica das colônias resistia à organização democrática da República*”; “*o continente, desarticulado durante três séculos por uma ordem que negava o direito do homem ao exercício de sua razão, entrou, não atendendo ou não escutando os ignorantes que o tinham ajudado a se redimir*”; “*o problema da independência não era uma mudança de forma, mas uma mudança de espírito*” (MARTÍ, p. 197,198). Esse tipo de argumentação narrativa tem uma relação muito próxima com os discursos dos autores do século XIX no que se refere à busca dos males, dos obstáculos para a construção da nação. A diferença, neste caso, é que, ao contrário dos autores de seu tempo, Martí atribuía as causas do fracasso de “*Nossa América*” a um processo histórico que reservara a essa região do planeta um lugar de submissão e exploração, onde, por conta do mesmo processo, os próprios governantes latino-americanos assumiam um compromisso com o exterior e não com seu povo e seus problemas, sua natureza e sua geografia singular. Para o pensamento dominante do século XIX, os males e os problemas, as causas do fracasso deveriam ser encontradas justamente no povo, na natureza e na geografia singular da América Latina.

Muito menos brilhante do ponto de vista narrativo do que Martí, José Enrique Rodó manifestava-se igualmente sobre os males de origem, as causas do fracasso e os problemas latino-americanos como advindos de um processo histórico e não como frutos de uma deficiência ontológica. Para Rodó, “*A História* (ele utiliza o H maiúsculo) *mostra*

*definitivamente uma indução recíproca entre os progressos da atividade utilitária e da atividade ideal*” (RODÓ, p. 93). Em sua concepção, o mesmo processo histórico que gerou o enriquecimento material da humanidade e que teve origem naquela concepção utilitária arduamente criticada por ele, tornou possível a contemplação espiritual, o desenvolvimento de bens intelectuais e morais. Cita como exemplo concreto dessa interação entre espírito e utilitarismo, a criação do alfabeto como fruto de uma civilização mercantil, os cananeus, que o inventaram para fins exclusivamente mercenários (RODÓ, p. 93). Ele atribuía à civilização norte-americana, no entanto, um desequilíbrio na relação entre finalidades utilitárias e aquisições espirituais; considerava que os Estados Unidos não haviam demonstrado qualquer preocupação com os elementos não materiais. Mesmo que ele tivesse esperança no “vizinho gigante” – *“Esperemos que o espírito daquele titânico organismo social, que até hoje se reduziu apenas a vontade e utilidade, algum dia também seja inteligência, sentimento, idealidade”* (RODÓ, p. 95) – aconselhava aos países da América Latina, principalmente, rejeitar os Estados Unidos como exemplo de civilização.

Na visão *arielista* de processo histórico, a América Latina teria passado por lutas políticas e militares, combates e estava, presentemente, construindo as bases para autonomia; propugnava um futuro de realizações mais contundentes no campo espiritual: *“Todo aquele que se consagre a difundir e defender na América contemporânea um ideal desinteressado do espírito – arte, ciência, moral, sinceridade religiosa, política de idéias deve educar sua vontade no culto perseverante do porvir. O passado pertenceu inteiramente ao braço que combate; o presente pertence, também quase por completo, ao rude braço que nivela e constrói; o futuro – um futuro tanto mais próximo quanto mais enérgicos o pensamento e a vontade dos que por ele anseiam – oferecerá a estabilidade, o cenário e o ambiente para o desenvolvimento de faculdades superiores da alma”* (RODÓ, p. 101).

A noção de história presente nos dois autores é linear, descritiva e causal. Passado, presente e futuro aparecem encadeados. O passado tinha a função de explicar toda a origem dos males, os erros de conduta e até desvios de rota. O presente, apresentado na narrativa como problemático porque foi fruto daquele passado, representava o momento ideal para melhorar, reverter os males e os problemas; apresentava-se como uma chave de

possibilidades abertas, para o bem ou para o mal. Para ambos os autores, a melhor possibilidade do presente era aquela protagonizada pelos jovens.

Do ponto de vista narrativo, os dois autores dirigiam-se ao mesmo público: a juventude. Atribuía-se à educação um papel fundamental na construção de um pensamento genuinamente latino-americano e é justamente por isso que ambos os autores dirigiram seus argumentos para os jovens. Martí dizia que *“os jovens da América arregaçam as mangas, põem as mãos na massa e a fazem crescer com a levedura de seu suor. Entendem que se imita demais e que a salvação é criar. Criar é a palavra-chave desta geração”* (MARTÍ, p. 199). O livro de Rodó é dedicado *“à juventude da América”*; dizia que *“o espírito da juventude é um terreno generoso onde a semente de uma palavra oportuna costuma gerar, em pouco tempo, os frutos de uma imortal vegetação”* e *“creio que a América precisa enormemente de sua juventude... a energia de vossa palavra e de vosso exemplo pode chegar a incorporar as forças vivas do passado à obra do futuro”* (RODÓ, p. 25,26).

Aparecia como resultado explícito da produção de significados desses discursos a idéia de que estava sendo gerado um novo mundo e um novo homem, renovados por essa força jovem e criadora, ao invés da antiga e imitativa, que estava sendo criticada e posta de lado pela nova geração. Na realidade, os autores imputavam para essa *“nova geração”* a responsabilidade de criar os mecanismos para que tudo isso ocorresse. Martí advertia, *“a atual geração leva às costas, pelo caminho adubado por seus pais sublimes, a América trabalhadora; do rio Bravo ao estreito de Magalhães, sentado no dorso do condor, espalhou o Grande Semi, nas nações românticas do continente e nas ilhas doloridas do mar, a semente da América nova!”* (MARTÍ, p. 201). Em Rodó, vislumbrava uma idéia de regeneração: *“a honra de vossa história futura depende de terdes constantemente sob os olhos da alma a visão dessa América regenerada, debruçando-se do alto sobre as realidades do presente... talvez não venhais a ser os fundadores dela; sereis seus precursores imediatos”* (RODÓ, p. 101, 102).

Nos textos de Martí e Rodó o futuro estava aberto a várias alternativas que dependiam daquilo que fosse realizado no momento em que eles viviam e atuavam. Os dois usavam uma linguagem evocativa, um discurso destinado a orientar as práticas políticas e intelectuais da juventude. Usavam expressões como *“urgência”* e *“oportunidade”*. A

atividade intelectual e a prática política de ambos influenciaram mais do que uma geração e percorreram todos os países latino-americanos.

Os textos de Martí e Rodó foram lidos em toda a América Latina. Sua repercussão atingiu políticos, intelectuais, jornalistas, poetas e, sobretudo, estudantes universitários que passaram a lutar contra as cátedras positivistas das Universidades latino-americanas. Roberto Fernandez Retamar num artigo introdutório acerca da obra martiniana afirmava que José Martí “*é o escritor a quem Rubén Darío chamou ‘Mestre’ e Alfonso Reyes, ‘supremo homem literário’; o mesmo a quem Gabriela Mistral considerava ‘o homem mais puro da raça’ e Ezequiel Martínez Estrada, ‘o farol que melhor nos guia’*”. (FERNANDEZ RETAMAR in PEIXOTO, 1991, p. 13).

O prestígio alcançado pela obras de ambos os autores influenciou na construção de centros de reflexão acerca da identidade nacional e latino-americana. No México, foi organizado em 1909 o *Ateneo de la Juventud*, local onde um grupo de jovens intelectuais discutia uma profunda renovação cultural da sociedade mexicana. Influenciados por José Enrique Rodó, os jovens ateneístas, entre eles, Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), Antonio Caso (1883-1946), José Vasconcelos (1882-1959) e Alfonso Reyes (1889-1959), lançavam críticas contra o currículo positivista da Escuela Nacional Preparatoria (ENP).

Foi no Peru que o pensamento de Rodó ganhou mais adeptos. Victor André Belaúnde (1883-1966) chamou o uruguaio de “*nuestro verdadero director espiritual*”. Partindo de críticas ao positivismo que imperava nas cátedras da Universidade de San Marcos, a *intelligentsia* do país advogava por valores éticos, espirituais e pelo papel político tutelar a ser desempenhado pelos intelectuais (GARCIA CALDERÓN, 1907, p. 206-207). José de la Riva-Agüero (1885-1944) foi outro pensador, considerado da “*geração arielista*” e cuja obra sobre o passado colonial e hispânico do Peru, *Peru en la Historia* (1910), situa-se na órbita do pensamento idealista preconizado por Rodó.

Do outro lado do Rio da Prata, na Argentina, os ecos da publicação de Rodó encontraram terreno fértil. Envolvidos em discussões sobre a construção de ordenamentos políticos mais estáveis e acerca dos reflexos do enorme afluxo de imigrantes, os intelectuais argentinos, entre os quais Paul Groussac e Ricardo Rojas, receberam o *Ariel*, de Rodó como um novo alento para suas reflexões acerca da identidade cultural nacional.

Na época da sua publicação, os argumentos de Martí e Rodó tiveram repercussão no que se referia ao antiutilitarismo, ao idealismo, as idéias da ação, da juventude, contra o determinismo, etc. Ambos, nas obras citadas, abordavam o tema do poder das idéias, do papel dos intelectuais: *“é da Natureza a dádiva do precioso tesouro, mas das idéias depende que ele seja fecundo, ou se desperdice em vão, ou fracionado e disperso nas consciências pessoais, não se manifeste na vida das sociedades humanas como uma força benéfica”* (RODÓ, p. 20,21); *“Trincheiras de idéias valem mais do que trincheiras de pedra”* (MARTÍ, p. 194). Em seu tempo, tiveram um sucesso com as idéias que proclamavam, fazendo reverter de certo modo a tendência imitativa, a subserviência cultural, o sentimento de inferioridade e resgatando a valorização da originalidade latino-americana.

A utilização posterior das idéias “arielistas” e martinianas deram margem a interpretações e outros usos das obras; foram monumentalizadas, passaram à história, como aquelas que iniciaram a discussão antiimperialista no subcontinente e que introduziram as noções de um ideal de identidade latino-americana, aqueles que introduziram o debate sobre as relações interamericanas.

A julgar apenas por alguns exemplos da vastíssima produção intelectual e política sobre o pensamento dos dois autores, observa-se uma tendência à valorização de aspectos bastante controversos da repercussão dessas obras. Devés Valdéz definiu Ariel como uma *“formulación de um modelo identitário de reivindicações, defesa e incluso exaltación de la manera própria de ser, la latina, por valores, idiosincrasia, cultura y etnia”* (DEVÉS VALDÉZ, p. 29). Há um certo exagero em atribuir a José Enrique Rodó a construção de um pensamento que exaltasse a maneira de ser, *“la latina”*, quando na verdade, sua perspectiva era muito mais voltada para a valorização do europeu em contraposição ao modo de ser utilitarista do povo norte-americano. Octávio Ianni reconhece essa perspectiva menos utópica da obra de Rodó: *“Defende (Rodó) a tese de que as nações latino-americanas podem beneficiar-se melhor das contribuições européias, em contraposição às norte-americanas”* (IANNI, p. 07).

Quanto a José Martí, Fernandez Retamar propunha que *“não seria exagerado afirmar que, no aspecto político, com as evidentes diferenças do caso, assim como se pode*

*dizer que o leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, o fidelismo é a postura martiniana do período da absoluta descolonização, da passagem da libertação política para a libertação econômica e cultural, da rejeição definitiva do imperialismo e do triunfo do socialismo num país subdesenvolvido”*. Temo pensar que seria extremamente exagerada essa comparação. Em primeiro lugar, o sentido contemporâneo de antiimperialismo, por exemplo, é bem diverso do que era na época da enunciação nesses autores, e nesse caso, em Rodó era bem diferente do que em Martí, embora ambos abordassem o tema.

Além disso, os usos políticos que se fazem até hoje do pensamento de José Martí e José Enrique Rodó apontam para uma tendência à indeterminação temporal de sua enunciação. Os discursos políticos contemporâneos feitos em nome de Martí e de Rodó falam de nacionalismo quando em Cuba não existia sequer independência política e no Uruguai a nação estava sendo definida, seu processo de constituição, porém, estava longe de consolidar-se; fala-se de socialismo quando sequer existia um país socialista no mundo e a utopia social martiniana estava mais próxima de um clamor contra as desigualdades oriundas das deficiências do desenvolvimento capitalista latino-americano, do que da igualdade socialista; fala-se de integração latino-americana quando as prédicas de ambos a respeito das possibilidades de união diziam respeito a uma posição pan-americana, muito mais do que a idéia de integração subcontinental.

Mesmo assim, é inegável que ambos tenham se constituído como parte fundamental da dissensão do pensamento determinista e positivista dominante no final do século XIX e início do XX. Essa posição de vanguarda crítica ao pensamento dominante se constitui, provavelmente como uma das causas dos usos e abusos das suas prédicas ao longo do século XX.

### **BIBLIOGRAFIA CITADA**

PEIXOTO, Fernando (apresentador). *José Martí. Nossa América*. São Paulo, Hucitec Editora, 1991.

ENRIQUE RODÓ, José. *Ariel*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

CALDERÓN, Francisco Garcia *La Nueva generación intelectual de Peru* in *Hombre e ideas de nuestro Tiempo*. Valencia: 1907.

HALE, Charles A. *Ideas políticas y sociales em América Latina, 1870-1930* in BETHEL, Leslie (ed.). *História de América Latina. América Latina: cultura y sociedad, 1830 – 1930*. Barcelona: Crítica ed., 1991, volume 8, p. 1 – 64.

MARTÍ, José. *Obras completas*

DEVÉS VALDÉZ, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la Cepal*. Buenos Aires: Biblos , 2000.

AROCENA, Felipe. *El complejo de prospero*

ZEA, Leopoldo. *América Latina en sus ideas*